

Cartografias poéticas: sobre rotas, desvios e territórios existenciais

Poetic cartographies:
about routes, detours e existencial
territories

Cartografías poéticas:
sobre rutas, desvios y territorios
existenciales

Carla Juliana Galvão Alves¹

Larissa Caroline de Pontes²

1 Professora associada da Universidade Estadual de Londrina (UEL), junto ao Departamento de Artes Visuais. Doutora e mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Coordenadora do projeto de pesquisa Cartografando os entrelugares da arte, da pesquisa e do ensino. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/7627123662548625>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7974-1490>. E-mail: carlagalvao@uel.br

2 Licencianda em Artes Visuais da UEL, desenvolve projeto de Iniciação Científica no Projeto de Pesquisa Cartografando os entrelugares da arte, da pesquisa e do ensino. Currículo lattes: <https://lattes.cnpq.br/9478534098897278>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3108-8568>. E-mail: larissa.caroline@uel.br

RESUMO

A cartografia nos guia na escrita deste texto que se propõe a contribuir com o debate a respeito de abordagens, métodos e metodologias de pesquisa e de ensino das Artes Visuais. Para isso trazemos recortes de um trabalho realizado em parceria com uma escola pública localizada em bairro periférico da cidade. Tivemos por objetivos oferecer aos estudantes da escola oportunidades de olhar para si e para os espaços de convivência; olhar para as paisagens cotidianas e refletir sobre suas possibilidades de experiência, e sobre o ser-estar-no-mundo, por meio da arte. Por atuarmos nessas regiões fronteiriças entre a arte, a geografia e a educação, agenciando atores diversos, cada um com seus objetivos de pesquisa, ensino ou extensão, procuramos associar diversas estratégias metodológicas sensíveis e inventivas, emprestadas ou inspiradas na própria arte. Nossas análises fundamentam-se nos estudos a respeito de espaço e lugar (Tuan, 2013; Bachelard, 1993); e a respeito das abordagens metodológicas de ensino e de pesquisa agrupadas sob a denominação de Pesquisa Educacional Baseada em Arte/PEBA (Hernández, 2013; Charréu, 2019; Dias, 2013). A análise de algumas das cartografias juntamente com os respectivos relatos evidencia as potencialidades da arte nestes contextos de pesquisa viva.

PALAVRAS-CHAVE

Pesquisa Educacional Baseada em Arte; Cartografia; Pesquisa Viva; Espaço; Lugar.

ABSTRACT

Cartography has guided us in the production of this text, which aims to contribute to the debate concerning the approaches, methods and methodologies in the research and teaching of Visual Arts. In order to do it we present some excerpts from a project carried out in partnership with a public school located in the outskirts of the city. The goals were to offer opportunities school students to look into oneself and to one's living spaces; look at everyday scenes and reflect on the possibilities of experience, on being-in-the-world, through Art. As we act on the borders between Art, Geography and Education, managing a number of actors - each one with their own research, teaching or extension aims – we worked to associate several sensitive and inventive methodological strategies, borrowed from or inspired by art itself. Our analysis are based on the studies related to space and place (Tuan, 2013; Bachelard, 1993); and concerning the methodological approaches of teaching and research grouped under the name of Art-Based Educational Research (Hernández, 2013; Charréu, 2019; Dias, 2013). The analysis of some of the cartographies together with their respective accounts highlights the potentialities of Art in these contexts of live research.

KEY-WORDS

Cartography; Arts-Based Educational Research; Living Inquiry; Space; Place.

RESUMEN

La cartografía nos guía en la redacción de este texto, que pretende contribuir al debate sobre enfoques, métodos y metodologías para la investigación y la enseñanza de las Artes Visuales. Para ello, les traemos algunos extractos del trabajo realizado en colaboración con una escuela pública ubicada en un barrio periférico de la ciudad. Nuestros objetivos eran ofrecer a los estudiantes de la escuela oportunidades para mirarse a uno mismo y a los espacios habitables; mirar paisajes cotidianos y reflexionar sobre sus posibilidades de experiencia, de estar-en-el-mundo, a través del arte. Debido a que operamos en estas regiones fronterizas entre arte, geografía y educación, gestionando diferentes actores, cada uno con sus propios objetivos de investigación, enseñanza o extensión, buscamos asociar varias estrategias metodológicas sensibles e inventivas, tomadas prestadas o inspiradas en el arte mismo. Nuestros análisis se basan en estudios sobre el espacio y el lugar (Tuan, 2013; Bachelard, 1993); y respecto de los enfoques metodológicos de docencia e investigación agrupados bajo el nombre de Investigación Educativa Basada en el Arte (Hernández, 2013; Charréu, 2019; Dias, 2013). El análisis de algunas de las cartografías junto con los respectivos informes resalta el potencial del arte en estos contextos de investigación viva.

PALABRAS-CLAVE

Investigación Educativa Basada en el Arte; Cartografía; Indagación Vital; Spacio; Lugar.

Introdução

Este trabalho resulta das ações e reflexões realizadas no âmbito de um projeto integrado de pesquisa, ensino e extensão³, que explora metodologias alternativas no campo da arte. Neste percurso, temos caminhado por territórios fronteiriços em muitos sentidos: entre a pesquisa, o ensino e a extensão; entre a escola e a universidade; entre o centro e as margens da cidade; entre paisagens familiares e espaços desoladores.

As ações se realizam no bojo de uma pesquisa-intervenção acerca do lugar/ espaço com alunos de uma escola pública localizada em área periférica da cidade. A equipe do projeto é composta por docentes e estudantes de licenciatura em Artes Visuais e do curso de Design, alunos do Ensino Médio e o professor de Artes da escola. Esse contexto tão rico e tão vivo, envolvendo diferentes atores, formados e em formação, em constante interação e movimento, requer abordagens metodológicas que deem conta da complexidade das ações e relações que ali se dão. Por isso, optamos por utilizar e analisar estratégias metodológicas sensíveis e inventivas, emprestadas da própria arte, que pudessem dar conta das dimensões subjetivas, colaborativas e interpretativas dos sujeitos e atividades envolvidos em seus processos.

A cartografia foi o mote para produções poéticas que instigassem os estudantes a olhar para o bairro em busca de si mesmos, de suas relações, expectativas e frustrações enquanto habitantes e coautores deste lugar. Um dos nossos objetivos foi oferecer oportunidades de olhar para si e para os espaços de convivência. Olhar para as paisagens cotidianas e refletir sobre suas possibilidades de experiências como modos de ser-estar-no-mundo. A paisagem é entendida aqui não como dado objetivo que se apresenta ao nosso olhar, mas enquanto experiência vivida na cotidianidade.

Buscamos garantir espaços de fala que pudessem promover transformações, por meio do movimento de caminhar para si, de rever as experiências vividas e sentidas e ressignificá-las; de perceber-se cada vez mais como autor de sua própria história.

A cartografia como experiência estética

Cada pessoa então deveria falar de suas estradas, de suas encruzilhadas, de seus bancos. Cada pessoa deveria preparar o cadastro de seus campos perdidos (BACHELARD, 1993).

Trazemos para esse diálogo sobre abordagens, métodos e metodologias recortes de um trabalho ainda em desenvolvimento, com adolescentes desta escola localizada em um bairro periférico com poucas opções de acesso à arte e à cultura. E foi na própria arte que nos inspiramos para escolher e criar as nossas estratégias de ensino e de pesquisa.

³ Trata-se do projeto intitulado Cartografando os entrelugares da arte, da pesquisa e do ensino, cadastrado no Departamento de Artes Visuais da Universidade Estadual de Londrina e aprovado pelo CEP (Parecer nº 2.619.654).

A arte aciona os sentidos e, portanto, possibilita experienciar o espaço. Para além da concepção tradicional, o espaço é uma necessidade que vai além de qualquer condição básica; investigá-lo pela perspectiva da experiência, através da produção poética, oportuniza a compreensão sensível da condição humana, do estar no mundo, de sentir-se como parte constituinte e de diferenciar-se dele ao mesmo tempo.

O geógrafo Yi-Fu Tuan (2013, p. 18) aponta que “[...] a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele”. Dessa forma, buscamos potencializar aspectos do espaço cotidiano que muitas vezes não são percebidos e que constituem a subjetividade, sensibilizando o olhar e expandindo as noções de mundo, possibilitando de fato uma experiência por meio da arte.

O exercício de cartografar teve como intuito promover o redescobrimto do bairro, voltando o olhar para o cotidiano e suas possibilidades sensíveis, indo na contramão das engrenagens meramente funcionais que nos entorpecem. Redescobrimto porque, conforme Tuan (2013, p. 29): “Quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém a sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência.”

O autor distingue espaço e lugar, dizendo que o espaço se torna lugar pelas relações de afeto, pelo reconhecimento, e pela intensidade das experiências vividas ali: “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (Tuan, 2013, p. 14).

A cartografia nos permite refinar a concepção genérica do entorno, ressaltando suas particularidades. O bairro é um lugar familiar, uma parte de nossa referência de mundo, o cerne de nossa constituição humana. No bairro estão o lar e aqueles com quem estabelecemos nossas relações mais próximas. Isso e a familiaridade com as suas ruas e habitantes oferece uma sensação de segurança que independe das estatísticas reais. Nas cidades contemporâneas, os bairros possuem fronteiras bem definidas, para além das quais o mundo se torna cada vez mais impessoal e até mesmo hostil. Mas o que pensam e sentem esses alunos? Como o bairro reflete em quem são? De que modo são afetados por ele? Percebem-se como constituintes dele? Quais as expectativas em relação às fronteiras visíveis e invisíveis?

Os bairros aos quais pertencem os alunos atendidos nesta escola são marcados pelo estigma da violência. As notícias veiculadas pelas mídias locais reforçam a imagem de um lugar perigoso, marcado por roubos, assassinatos, tráfico de drogas, conflitos com a polícia, entre outros acontecimentos associados ao medo e à insegurança. Isso aparece tanto nas narrativas orais quanto nas visuais, como nesta fala de Julia:

Meu bairro é bem complicado, sempre tem briga. Tem uma vizinha que fica gritando de madrugada. A gente tem medo de sair de noite porque sempre tem competição de racha de motoqueiro e, na maioria das vezes são bandidos e a gente tem bastante medo. A gente nunca deixa o telefone à mostra ou carteira, a gente sempre sai com uma bolsa pra não ser assaltada, principalmente quando a gente vai sair fim de semana ou vai sair pra ficar

fora de casa bem tarde. A gente tem muito medo de ficar pra rua, a gente sempre lembra de levar a chave de casa (Julia).

São espaços que foram se constituindo a partir de processos de reintegração de posse e assentamentos de famílias de ex-agricultores, moradores de favelas, e de fundos de vale. De acordo com o PPP da escola, os alunos vêm de famílias de baixa renda, sendo que aproximadamente 45% delas são beneficiárias de programas sociais, como o Programa Bolsa Família. O documento destaca também o alto índice de evasão escolar e aponta alguns dos fatores que levam a isso:

[...] o uso de drogas, que faz com que muitos menores envolvam-se em pequenos delitos; a violência doméstica ou de rua; as condições sociais, as quais podem referir-se à condição de moradia, o subemprego ou o desemprego; a necessidade de trabalho dos adolescentes e jovens para o sustento próprio e da família; a gravidez na adolescência, quando é comum se deparar com jovens, que após engravidar, tomam como prioridade na sua vida o cuidado do bebê, abandonando a escola para trabalhar, além de muitos outros (2022, p. 18).

Outra característica importante desses locais é a falta de opções de acesso à arte e à cultura. Seja pelo medo, seja pela ausência de outros referenciais, o espaço de vivência acaba por isolar seus habitantes. Uma das principais preocupações do professor de Artes da escola era a falta de perspectivas de futuro, de projetos de vida. Como a arte pode contribuir para eliminar essas barreiras que tiram desses jovens a esperança e a autonomia sobre as suas próprias vidas? Como mobilizar processos de identificação e de desidentificação? Territorialização e desterritorialização? Nossos objetivos visavam estimular os alunos a olhar para esse lugar da existência com olhos sensíveis e críticos ao mesmo tempo, a ponto de vislumbrar novos horizontes e possibilidades.

Aos poucos foi se configurando um grande rizoma de práticas artísticas e de pesquisa. Os alunos realizaram produções diversas, envolvendo a cartografia, a fotografia, o desenho e a tipografia. Começamos pela produção de cartografias individuais, atividade que teve como princípio a reflexão acerca do bairro, partindo do desenho do trajeto da casa para a escola. Esse desenho inicial foi fundamentado por conversas acerca da cartografia imaginativa, com exemplos de mapas históricos e produções artísticas, enfatizando o caráter poético de cada um deles. Também conversamos sobre desenho com foco na exploração dos materiais e suas diversas possibilidades gráficas. Em um dos encontros, utilizando papel vegetal, os alunos representaram o que gostariam que fosse diferente no bairro, gerando a sobreposição desses dois trabalhos.

A estratégia do desenho cartográfico evoca a percepção artística no cotidiano. Uma atitude estética que descondiciona o automatismo em torno dos deslocamentos diários, indo ao encontro de questões sobre pertencimento e subjetividade. Entende-se, portanto, a cartografia poética como “[...] um desejo de organizar e apreender a experiência de um lugar. Vontade de representar e descrever não só lugares, mas

também percursos, fluxos, transformações e deslocamentos” (Dias, 2011, p. 22).

Também solicitamos que trouxessem de casa um objeto guardado com carinho, ou um objeto que os representasse. “O lugar é um tipo de objeto. Lugares e objetos definem o espaço, dando-lhe uma personalidade geométrica”, observa Tuan (2013, p.28). Todo o nosso trabalho é marcado por esse viés autobiográfico, com o intuito de garantir espaços de fala e oportunidades de olhar para si, de rever a sua própria história, resignificando-a e percebendo as possibilidades de autonomia em relação ao que a vida impõe. As propostas foram pensadas como narrativas visuais e orais, entendendo que as oportunidades de fala são fundamentais inclusive para a criação e o fortalecimento de vínculos entre todos nós. A associação das narrativas orais, emprestada da pesquisa narrativa e /ou autobiográfica com a produção cartográfica contribui com o desejo de pensar a paisagem como experiência e não somente como representação visual. O trabalho que ainda se encontra em andamento prevê culminar em uma produção tipográfica, um livro das histórias dessas pessoas com o bairro, a casa, os outros e a arte.

Agenciamentos metodológicos: a PEBA como uma forma de pesquisa viva

Nas últimas décadas, houve o crescimento exponencial de metodologias de pesquisa alternativas no Brasil, considerando que cada área do conhecimento requer abordagens que sejam adequadas às suas necessidades. No campo da pesquisa em artes visuais, percebemos uma demanda de metodologias que deem conta de suas especificidades sensíveis, como alternativa às abordagens tradicionais, que tendem a negligenciar aspectos importantes para a investigação no campo das artes e da educação. Aspectos estes que podem ampliar nossa compreensão a respeito dos fenômenos e experiências humanas e alcançar determinados níveis de percepção que não podem ser alcançados de outra forma.

Tais metodologias têm sido agrupadas sob a denominação de Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA) e apresentam uma diversidade de formas e nomenclaturas, de modo que cada desenho metodológico se torne único. Possuem em comum o interesse por aproximar-se cada vez mais da arte, seus processos criativos e práticas artísticas, bem como do campo mais abrangente da cultura visual (Hernández, 2013; Charréu, 2019; Dias, 2013).

A produção poética evidencia dados importantes que não são possíveis/ acessíveis de outra forma, pois aciona a subjetividade e a sensibilidade. Como colocado por Charréu (2019), o artista que investiga pela linguagem artística obtém respostas também nessa linguagem, que não costuma ser contemplada pela sistemática cartesiana. No que concerne à sensibilidade, nem toda experiência se transcreve verbalmente e a arte permite acessar dimensões que outros métodos de pesquisa poderiam não alcançar.

De caráter qualitativo e quase sempre intervencionista, são consideradas como

um tipo de pesquisa viva, uma vez que todos os envolvidos no processo trabalham juntos em busca de soluções para os problemas vividos cotidianamente ou de novas percepções e compreensões a respeito de determinados fenômenos educacionais, culturais, sociais ou artísticos, visando melhorar a prática docente. As relações entre pesquisador e participante se dão por contínuas trocas, atentos e abertos a novos problemas de pesquisa que possam surgir durante o percurso, uma vez que o processo é tão ou mais importante do que os resultados finais.

Outra questão que articula todas essas abordagens é o interesse pelo modo como estão sendo vividas e interpretadas as experiências das pessoas envolvidas nestes contextos sociais e culturais. E novamente a arte “[...] fornece às histórias de vida condições de possibilidade para que sensações, sonhos, emoções, situações de se colocar em lugar de ‘outros’ possam se entrelaçar a episódios simultaneamente reflexivos, projetivos, imaginativos”, como já pontuaram Martins, Tourinho e Souza (2017, p. 14) em uma publicação que reúne textos resultantes de pesquisas e estudos a respeito das interfaces entre a pesquisa narrativas, a histórias de vida, a arte e a educação.

É desta forma que entendemos que Pesquisa Educacional Baseada em Arte nos permite escolher e mesmo inventar novas estratégias de pesquisa, muitas vezes inspiradas na própria arte, como também emprestadas de outras metodologias de caráter qualitativo, como o método cartográfico, a pesquisa narrativa e as histórias de vida, com intuito de ampliar a nossa compreensão a respeito dos fenômenos e contextos nos quais estamos inseridos em nossas práticas cotidianas.

O que dizem as cartografias produzidas pelos estudantes?

E linha após linha
Alguma coisa, como um universo, se desenha
Sem querer muito nomear, sem quebrar a imensidão do silêncio
Discretamente, secretamente, alguém diz
Eu estou aqui,
Aqui eu começo.
(White, 1980)⁴

Uma análise inicial das cartografias produzidas, associada às narrativas orais coletadas durante as rodas de conversa, revela as contradições da vida em um bairro dividido entre espaços familiares e espaços a serem evitados. Um bairro onde é preciso estar sempre alerta. As falas a respeito do medo aparecem principalmente associadas à presença e atuação de traficantes de drogas e assaltantes.

4 WHITE, Kenneth. *Le grand rivage*. Paris: Le Nouveau Commerce, 1980.

Com as linhas finas do lápis e o auxílio de uma régua, a estudante Julia realizou um desenho cartográfico (Fig. 1) em que simplifica as ruas, casas e estabelecimentos da região onde mora, nomeando os locais a partir de sua percepção e experiência. A rua de sua casa, indicada como “rua para chegar na farmácia”, é marcada por uma linha pontilhada que indica o caminho que ela percorre para chegar na escola, virando na “rua para chegar no mercado” e seguindo para além das delimitações do papel. No quarteirão ao lado de sua casa, próximo a um terreno baldio, uma escola e uma creche, Julia nomeia uma rua como “rua das vendas de drogas”.

Já na representação de como gostaria que o bairro fosse, a estudante faz um desenho colorido com canetinha, sobrepondo-o ao desenho inicial. Julia se auto representa na “Expo Japão 2022”, evento cultural da cidade, que normalmente acontece em uma região distante à que ela mora. Em relato, a estudante demonstrou um grande interesse em se mudar do bairro, tanto por questões de segurança quanto pelo desejo de maiores oportunidades.

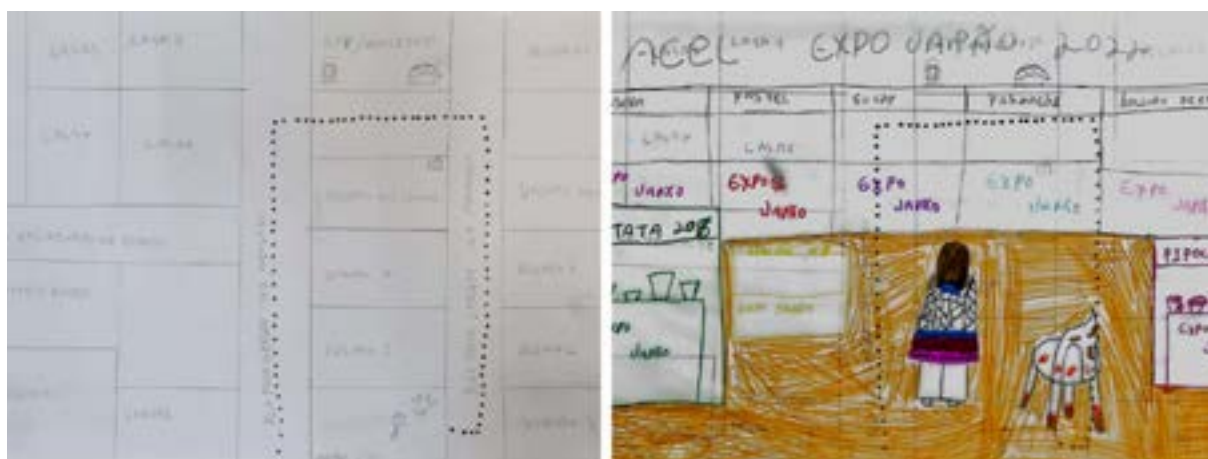


Fig. 1, Cartografias produzidas por Julia, 2023. Fonte: arquivo do projeto

Gabriele representou o bairro onde mora (Fig. 2). O desenho consiste em um mapa visto de cima, com as ruas e os lotes, de linhas firmes feitas com canetinha, em sua maioria na cor preta. O caminho que indica a direção para a escola foi feito com bolinhas em laranja, partindo do espaço com o nome do bairro e o desenho de olhos vermelhos, que, segundo a estudante, representam os traficantes e usuários de drogas da região.

Em relato, Gabriele comentou sobre a distância do seu bairro até a escola, sendo mais de 40 minutos de caminhada. Geralmente, ela faz o percurso com o ônibus, mas diversas vezes já se deslocou a pé, pela avenida ou por atalhos de estrada de terra, rodeados por vegetação e campos abertos.

Na cartografia de como gostaria que fosse seu bairro, justaposta à cartografia anterior, Gabriele trouxe elementos voltados para o desejo de seguir uma carreira na animação e no desenvolvimento de jogos. Ao lado do ponto de ônibus, há a indicação

do estúdio de animação, logo à frente o “SEGA”⁵, vizinha do centro Pokémon⁶. Assim, ela aproxima espaços muito distantes, no desejo de viabilizar o sonho de seguir a carreira desejada.



Fig. 2, Cartografias produzidas por Gabriele, 2023. Fonte: arquivo do projeto

No mapa de André (Fig. 3), feito com lápis de cor e lápis grafite, há uma linha sinuosa indicando o trajeto de sua casa até a escola. Entre esse caminho, o estudante ressaltou uma estrada de terra cercada por um lixão a céu aberto, com elementos que indicam o desconforto de passar pelo trecho.

Além dessas imagens, ele representa a casa do avô próxima à sua, uma pequena horta, o ponto de ônibus e espaços em verde, com árvores esparsas. Na cartografia em que representa o que gostaria que houvesse no bairro, o estudante traz uma rua pavimentada e cercada por postes de luz, localizada no lugar da estrada de terra e do lixão. No canto, próximo à casa do avô, o estudante desenha uma horta maior.

5 Desenvolvedora de jogos sediada no Japão.

6 Série de jogos eletrônicos, também conhecida pela série televisiva. O Centro Pokémon é uma instalação fictícia do universo.



Fig. 3, Cartografias produzidas por André, 2023. Fonte: arquivo do projeto

Neste contexto em que predominam a insegurança, o medo e o desconforto, não é de estranhar que para muitos deles, a casa seja o lugar favorito. Na cartografia feita por Mariana (Fig. 4), residente de uma área mais rural do bairro, a paisagem é tomada pelo verde, com indicações das plantações que circundam a região, referenciando também a vegetação que se estende pelos arredores do bairro. É evidente a conexão afetiva que a estudante possui com o lugar, tanto por referir-se à sua casa como “Meu cantinho”, quanto pela resposta estética de sua representação. “Pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela” (Bachelard, 1993, p.24).

Em relato, a estudante disse que o lugar que mais gosta de ficar em sua casa é a varanda, para observar a paisagem. Com o conceito de topofilia, Yi-fu Tuan (2012), afirma que a percepção ambiental impacta a identidade, as relações sociais e o bem-estar. A percepção advém das experiências, que dadas pela paisagem, desencadeiam uma visão de mundo ampla e de respeito com a terra.

No desenho de como gostaria que o bairro fosse, a estudante acrescenta flores, uma plantação de milho, casas coloridas e um carro “opala 67”. Em uma folha separada, acrescentada à sobreposição, Mariana desenha a sua casa com o carro na garagem. Não há aqui qualquer menção aos estigmas de violência.



Fig. 4, Cartografias produzidas por Mariana, 2023. Fonte: arquivo do projeto

Já Fábio relata que não gosta de ficar em casa. Ele desenha o bairro com cores vibrantes, usando canetinha e lápis de cor (Fig. 5). No muro do local que representa a sua casa, ele traz um grafite que demonstra o seu gosto pelo skate e pela arte urbana. Na rua de cima, desenha a cabeça de um cachorro com feições violentas, nomeada por ele como a “rua dos cachorros”.

Seu lugar preferido na cidade é uma pista de skate onde costuma se distrair e se enturmar com os amigos. Mas ela fica em outra região e é preciso se deslocar até lá, razão pela qual ele acrescenta uma pista de skate à segunda cartografia.



Fig. 5, Cartografias produzidas por Fábio, 2023. Fonte: arquivo do projeto

Acompanhamos o trajeto de cada uma dessas linhas e manchas que foram traçadas e elaboradas pela Julia, Gabriele, André, Mariana e Fábio. O processo se deu entre certezas e descobertas que foram desde o uso dos materiais, até as questões sobre o fazer conjuntamente, entre pessoas que, em princípio, não se conheciam⁷,

⁷ Os alunos da escola não frequentam as mesmas turmas e séries na escola, e como também não conheciam os membros da equipe do projeto, estavam tímidos e receosos nos primeiros encontros. Foi necessário criar

em paralelo aos pensamentos e lembranças que elaboraram e resgataram sobre seus cotidianos. Efetuaram, nesse tempo, trocas entre si e percepções sobre suas vidas e as vidas dos demais.

Em princípio, uma proposta bastante simples: o trajeto de suas casas para a escola, foi algo que se desdobrou em elaborações mais amplas sobre si mesmos no processo de elaboração e trocas despreziosas. A segunda etapa, de sobrepor o papel translúcido carregado da materialidade de seus sonhos, indicou possibilidades de vida que os colocam como agentes transformadores. Houve, ainda, um terceiro momento, no qual paramos diante das cartografias sobrepostas para analisarmos conjuntamente cada um desses trabalhos, experienciando, na prática constitutiva do projeto, a reflexão de Martins, Tourinho e Souza (2017), de que a arte e seus processos, em conjunto com as histórias de vida, refletir, projetar e imaginar sonhos, sensações e emoções, redimensionamos nossas visões e percepções.

Considerações finais

Envolvemo-nos em parte de seus cotidianos, compartilhamos sonhos e anseios. Vivenciamos o espaço da escola e eles o espaço da universidade. De todos esses modos, nos vimos uns nos outros, ampliando-nos.

Encontramo-nos semanalmente, ao longo de 3 meses e, no transcurso desse tempo, a elaboração das narrativas visuais e orais foram a base para a pesquisa, ao mesmo tempo em que foram fundamentais para a criação e o fortalecimento dos vínculos entre todos nós. Foram meio e fim, simultaneamente. As cartografias funcionaram como impulsionadoras das narrativas pessoais, oferecendo possibilidades de olhar para si mesmo e de pensar sobre a própria existência.

Como já mencionado, o trabalho que ainda se encontra em andamento prevê culminar em uma produção tipográfica, um livro que conte as histórias dessas pessoas com o bairro, a casa, os outros e a arte.

A investigação a respeito das subjetividades, da constituição dos sujeitos, do conhecimento de si, e mais especificamente da formação e da autoformação, prescinde destas novas metodologias que permitam ao investigador atuar nesse entre lugar e inventar os próprios roteiros de pesquisa, as próprias estratégias e dispositivos, muitas vezes emprestados do artista, os procedimentos que lhe permitam observar, analisar e interpretar o material da pesquisa.

Entendemos a Pesquisa Educacional Baseada em Artes como um conceito guarda-chuva (Martins, 2022) que acolhe uma constelação de procedimentos, conceitos e técnicas de diferentes campos do conhecimento, que têm sido utilizados, inventados e reinventados em contextos de prática viva, a fim de ampliar o nosso campo de visão e a nossa compreensão acerca dos fenômenos com os quais lidamos em nossas práticas docentes e artísticas.

estratégias de aproximação e fortalecimento de vínculos para alcançarmos um clima de confiança, necessário ao trabalho com narrativas autobiográficas.

Referências

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARROS, L.P DE; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS; KASTRUP; ESCÓCIA. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

CHARRÉU, L. A cartografia e a artografia como métodos vivos de investigação em arte e em educação artística. **Diacrítica**, Braga, vol. 33, n. 1, p. 87-103, 2019.

DIAS, Aline. Desenho e cartografias cotidianas. In: COELHO, Elke; VILLA, Danillo (Orgs.). **Cartografias cotidianas**. Londrina, 2011, p. 22-35.

DIAS, Belidson. Preliminares: A/r/tografia como Metodologia e Pedagogia em Artes. In: DIAS, Belidson e IRWIN, Rita. **Pesquisa educacional Baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria: UFSM, 2013.

HERNÁNDEZ, Fernando. A pesquisa baseada nas artes: propostas para repensar a pesquisa educativa. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (org.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: UFSM, 2013. p. 39-62.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene, SOUZA, Eliseu Clementino de (orgs.). Entrelaçamentos entre histórias de vida, arte e educação. In: **Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: ED. da UFSM, 2017.

MARTINS, M. C. F. D.; Rita Irwin: A a/r/tografia e a potência de encontros educativos como práticas artísticas. **Revista Trama Interdisciplinar**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 17 – 28, 2022. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/15338>. Acesso em: 19 abr. 2024.

PASSOS, E.; BARROS, R.B. de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS; KASTRUP; ESCÓCIA. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Colégio Estadual Prof.^a Roseli Piotto Roehrig, Londrina, Paraná, 2022.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013.

WHITE, Kenneth. **Le grand rivage**. Paris: Le Nouveau Commerce, 1980.

Submissão: 15/03/2024

Aprovação: 19/04/2024